
Capítulo 2

A porta trancada

Helena passou a mão pela saia do vestido antes de sair da sala.

Não para alisá-la. Para se lembrar de que ainda estava dentro do próprio corpo.

A chave antiga pesava em sua mão fechada como se tivesse vontade própria. Pequena, fria, trabalhada nas bordas. Não combinava com o restante da casa. Era antiga demais para aquele lugar impecável, como uma peça arrancada de outra época e escondida ali por descuido ou por crueldade.

Quando levantou os olhos, a mulher elegante ainda a observava no batente.

Alta, magra, vestida em tons claros, joias discretas e um sorriso daquele tipo que não nasce do rosto, só é colocado nele. Não aparentava mais de cinquenta anos, mas havia algo nela que parecia mais velho que a própria casa.

- Helena, imagino - disse ela. - Sou Constança Vasconcellos.

A forma como pronunciou o sobrenome fez parecer que ele não era apenas um nome, mas uma sentença.

- Prazer - respondeu Helena, com a voz firme.

Constança olhou para Dante antes de voltar a encará-la.

- A família está ansiosa para recebê-la.

Helena percebeu o verbo. Não “conhecê-la”. Não “cumprimentá-la”.

Recebê-la.

Como se ela fosse um objeto adquirido. Uma peça nova para a coleção.

Dante deu um passo para o lado.

- Vou descer em alguns minutos.

Constança assentiu, embora ficasse claro que não gostava de receber instruções dele, muito menos em silêncio. Mesmo assim, recuou com elegância calculada.

- Helena, por favor. Venha comigo.

Helena a acompanhou pelo corredor principal, sentindo as paredes observarem mais do que decoravam. Havia quadros antigos, molduras douradas, mesas de madeira escura polidas demais para parecerem usadas. O chão brilhava. O ar era fresco. Nenhum som de televisão, nenhum rádio, nenhuma conversa casual ao fundo. Só o ruído baixo dos próprios passos.

Constança caminhava sem pressa, como quem sabe que todos esperam por ela e ninguém ousaria demonstrar impaciência.

- Imagino que este dia tenha sido... intenso - disse, num tom ameno.
- Foi objetivo - respondeu Helena.

O canto da boca de Constança se moveu quase imperceptivelmente.

- Dante aprecia objetividade.
- E a senhora?
- Eu aprecio utilidade.

Helena olhou de relance para ela.

Constança continuava com a mesma expressão calma, como se não tivesse dito nada ofensivo.

- Isso costuma tornar as relações mais honestas - completou.

Helena não respondeu. Já entendera que, naquela casa, educação serviria tanto de escudo quanto de armadilha.

Desceram uma escada lateral, passaram por uma galeria estreita e chegaram a uma ala mais silenciosa da mansão. Constança abriu uma porta dupla.

- Este será seu quarto.

Helena entrou.

Era um aposento amplo, bonito, sofisticado e impessoal. Cama grande demais, cortinas longas, uma penteadeira antiga, tapete claro, flores frescas em um vaso de cristal. Tudo perfeitamente arrumado, como quarto de hotel preparado para uma hóspede importante que não se pretende conhecer de verdade.

Ela pousou a bolsa sobre a cômoda.

- Obrigada.

Constança permaneceu na porta.

- O jantar será em quarenta minutos. Alguém virá ajudá-la, se quiser.

- Não será necessário.
- Como preferir.

Helena assentiu.

Constança não saiu de imediato. Seus olhos passearam pelo quarto até caírem na mão fechada de Helena.

- Algum problema?

Helena relaxou os dedos devagar, escondendo a chave junto à palma, sem mostrá-la.

- Nenhum.

Constança sustentou o olhar por um segundo a mais.

- Nesta casa, minha cara, o melhor é evitar portas erradas.

A frase veio tão limpa que parecia ensaiada.

Helena sentiu um arrepio percorrer a nuca.

- Então existem portas certas?

Constança sorriu de novo.

- Isso depende do que se deseja encontrar.

Dito isso, virou-se e foi embora.

A porta se fechou.

Helena ficou sozinha no centro do quarto, ouvindo o clique da fechadura com atenção demais. Esperou alguns segundos e caminhou até a porta. Girou a maçaneta. Abriu normalmente.

Não estava trancada.

Mas o som do fechamento ainda lhe incomodava.

Ela respirou fundo, foi até a janela e afastou a cortina. O jardim dos fundos se espalhava em linhas simétricas: arbustos podados, caminhos de pedra, uma fonte pequena e duas estátuas que pareciam vigiar mais do que decorar. Ao longe, muros altos demais para um lugar que dizia prezar discrição. Aquilo não era só uma mansão.

Era uma fortaleza com perfume caro.

Helena abriu a bolsa e, pela primeira vez, observou a chave com calma.

Os detalhes entalhados no metal desenhavam folhas e espinhos. Na haste, havia uma letra gravada: **E**.

Ela franziu a testa.

Não parecia marca de fabricante. Parecia inicial.

De quem?

Guardou a chave dentro do forro da bolsa, atrás do pequeno bolso interno, e começou a caminhar pelo quarto em busca de qualquer coisa que a ajudasse a entender onde estava.

Abriu a penteadeira. Vazia.

Armário. Roupas novas, todas no tamanho dela.

Aquilo a fez parar.

Vestidos, blusas, saias, peças neutras, elegantes, discretas. Nada vulgar. Nada espalhafatoso. Tudo como se alguém tivesse estudado não o que ela gostava, mas o que imaginava que ela aceitaria usar.

Helena tocou o tecido de um vestido azul-escuro.

A sensação foi pior do que teria sido encontrar algo chocante. Alguém ali se preparara para recebê-la com antecedência. Não como visitante inesperada. Como peça prevista.

No fundo da última gaveta, encontrou uma caixa de madeira clara. Abriu.

Dentro havia apenas um lenço de seda branco, dobrado com precisão.

Quando o puxou, viu uma mancha pequena, quase invisível, no canto.

Marrom-escuro.

Velha.

Sangue.

Helena congelou.

Segurou o lenço com a ponta dos dedos, aproximou da luz e prendeu a respiração. Não era vinho. Não era maquiagem. Não era ferrugem.

Era sangue seco.

Ela ouviu um som no corredor.

Passos.

Guardou o lenço depressa na caixa, fechou a gaveta e se afastou do armário no mesmo instante em que bateram à porta.

- Entre - disse, tentando soar natural.

Uma jovem criada entrou trazendo uma bandeja com chá.

Devia ter no máximo vinte e poucos anos. O rosto era bonito, mas cansado. Os olhos evitavam contato direto.

- Boa noite, senhora. Me pediram para trazer isto.

Helena observou a bandeja.

- Eu não pedi nada.
- Aqui ninguém precisa pedir certas coisas.

A resposta saiu automática, como se a moça a tivesse repetido muitas vezes para muitas pessoas.

Helena apontou para a mesa lateral.

- Pode deixar ali.

A criada assentiu, colocou a bandeja e se apressou em sair. Antes de alcançar a porta, porém, olhou para Helena de maneira breve e estranha, como quem deseja falar e se arrepende no meio.

- Qual é o seu nome? - perguntou Helena.
- Sara.
- Sara, há quanto tempo você trabalha aqui?

A jovem hesitou.

- Tempo suficiente.
- Então talvez possa me dizer uma coisa.

Sara apertou as mãos diante do avental.

- Não sei se devo.
- Só uma.

Silêncio.

Helena deu um passo na direção dela.

- Esta casa já teve outra mulher neste quarto?

A cor do rosto de Sara mudou.

Não muito. Mas o suficiente.

- Eu preciso ir, senhora.
- Teve ou não?

Sara abriu a porta.

- Por favor... não abra nada que já esteja fechado.

E saiu.

Helena ficou imóvel, sentindo o quarto encolher ao seu redor.

Aquilo já bastaria para apavorar qualquer pessoa sensata. Mas havia algo nela, por trás do medo, que se recusava a obedecer. Uma parte silenciosa, teimosa, antiga. A parte que passara anos engolindo injustiça sem quebrar. A parte que distinguia perigo de blefe.

E, até ali, tudo naquela casa parecia real demais para ser teatro barato.

Ela foi até a bandeja de chá. Por instinto, cheirou a xícara antes de tocar. Camomila. Algo cítrico. Nada estranho. Mesmo assim, não bebeu.

Olhou novamente para a porta.

Quarenta minutos até o jantar.

Era tempo suficiente para fazer uma coisa estúpida.

Ou necessária.

Abriu o quarto com cuidado e espiou o corredor. Vazio. O silêncio parecia mantido por contrato. Caminhou devagar, lembrando da visão no espelho dourado. Da porta entreaberta refletida onde não deveria haver porta nenhuma.

Saiu pela esquerda, depois parou, tentando reconstruir o trajeto mentalmente.

O corredor da entrada.

A galeria.

A escada.

O espelho no fim.

Seguiu com passos leves até chegar ao hall lateral onde o grande espelho dourado estava pendurado entre duas colunas. Ali, tudo parecia normal. Parede lisa. Um console estreito. Um vaso enorme com lírios brancos. Nenhuma porta.

Helena franziu a testa.

Chegou mais perto do espelho.

Seu reflexo devolveu um rosto calmo demais para a confusão que sentia. Cabelos no lugar, expressão contida, olhos atentos. Aproximou-se mais ainda e tocou a moldura dourada.

Fria.

Passou a mão pelas laterais.

Nada.

Depois, sem saber ao certo por quê, pressionou com mais força o lado inferior direito.

Ouviu um clique.

Helena recuou.

O espelho não se moveu. Mas, à sua direita, a parede soltou um som seco. Um painel estreito cedeu alguns centímetros, revelando a quina escura de uma porta embutida.

O coração dela disparou.

Aquilo era insano.

Aquilo era exatamente o tipo de coisa que pessoas normais ignoravam até poderem ir embora.

Mas Helena já sabia que a normalidade tinha ficado do lado de fora do portão.

Aproximou-se do painel aberto.

A porta era antiga, de madeira escura, com ferragens envelhecidas. No centro, uma fechadura pequena e ornamentada.

Ela já sabia o que encontraria ali.

Tirou a chave da bolsa.

As mãos não tremiam por fora. Por dentro, o corpo inteiro parecia ouvir uma tempestade.

Encaixou a chave.

Serviu perfeitamente.

Helena fechou os olhos por um segundo.

Depois girou.

O mecanismo cedeu com resistência, como se não fosse aberto havia muito tempo. Um cheiro abafado escapou pela fresta: madeira antiga, tecido guardado, poeira e algo que lembrava perfume envelhecido.

Ela empurrou a porta apenas o suficiente para olhar.

O quarto além era pequeno. Talvez um antigo salão íntimo ou escritório privado. Havia uma poltrona coberta por lençol branco, uma estante baixa, cortinas fechadas e, na parede do fundo, um retrato a óleo.

Da mesma mulher que ela havia visto no reflexo.

Agora sem distorção.

Sem dúvida.

Helena sentiu o estômago afundar.

Não era apenas parecida.

Era parecida **demais**.

O mesmo formato do rosto. O mesmo desenho do nariz. A mesma distância entre os olhos. O mesmo modo contido de manter o queixo. Como se alguém tivesse pintado uma versão mais antiga dela, vestida com um vestido escuro de outra década.

Mas havia uma diferença.

No retrato, a mulher usava ao pescoço um medalhão oval.

Helena conhecia aquele medalhão.

Sua mãe o guardava numa caixa de costura, embrulhado em tecido, e sempre dizia a mesma coisa quando ela perguntava de onde vinha:

“É velho. Não tem importância.”

As costas de Helena gelaram.

Ela deu um passo para dentro do quarto proibido.

Foi então que ouviu uma voz atrás dela.

Baixa. Masculina. Sem pressa.

- Eu disse que havia pessoas nesta casa que sorriam para você no jantar.

Helena se virou num impulso.

Dante estava parado no corredor, a poucos passos da porta aberta.

Sem surpresa no rosto.

Sem raiva.

Só uma calma sombria, como se tivesse esperado exatamente aquele momento.

- E eu também disse para não confiar em mim - completou.

Helena apertou a chave com força.

- Quem é essa mulher?

Os olhos dele passaram rapidamente do rosto dela para o retrato atrás, e voltaram.

- A pergunta mais perigosa ainda não é essa.
- Não me responda com enigma.
- Então feche a porta e saia daqui antes que seja tarde.
- Tarde para quem?

Desta vez Dante não respondeu de imediato.

E esse silêncio foi pior que qualquer frase.

Porque, pela primeira vez desde que o conheceu, Helena teve a impressão nítida de que até ele... estava preocupado.

Então ele disse:

- Para você, Helena.
 - Porque a mulher do retrato morreu três dias antes de desaparecer dos registros da família.
-